

Nasceu em Fribourgen-Brisgau, em 5 de março de 1904. Aos 18 anos, terminou seus estudos secundários e entrou para o noviciado da Companhia de Jesus. Fêz, então, o noviciado, cursos de Filosofia e Teologia. Ordenou-se em 26 de julho de 1932 e três anos depois foi mandado para a Universidade de Fribourg, a fim de preparar sua tese de Filosofia. Em 1935 e 1936 foi aluno de Martin Heidegger, tendo nesta época começado sua tese sobre: O espírito no mundo - ensaio sobre a metafísica do conhecimento em Sto. Tomás.

Em 1936, foi nomeado para o Escolasticado de Teologia de Innsbruck, a fim de se preparar para o ensino da Teologia Dogmática. Começou seus cursos no início do ano escolar de 1937-38, sendo interrompido pelo nazismo que fechou, durante a guerra, o Escolasticado de Innsbruck. O Pe. Rahner foi enviado a Viena, onde continuou a trabalhar e a escrever, dando, a partir de 1943, um curso clandestino para ajudar os jovens jesuitas de Wehrmacht a continuar seus estudos de Teologia.

Após a guerra assumiu sua cadeira de Dogma, em Pullach, perto de Munich, e, em seguida, retornou a Innsbruck, onde é professor até hoje.

O autor já publicou mais de 700 livros, brochuras, artigos e tem sob sua direção uma importante Enciclopédia de Teologia em 10 volumes.

As 1^{as} publicações, de 1932 até a guerra, são sobretudo artigos de teologia espiritual, estudos sobre a doutrina espiritual em Origene ou em São Boaventura, estudos sobre a mística inaciana, meditações sobre Deus, que foram publicadas, em 1938, no livro "Worte im Schweigen", reeditado pela 6^a vez em 1954. A partir de 1938, os escritos mais importantes do Pe. Rahner se referem aos tratados de Teologia Fundamental ou Dogmática: a Graça, a Criação e a Penitência.

Sobre apostolado dos leigos, liberdade e autoridade na Igreja, situação da Igreja no mundo e moral cristã, o autor escreveu os livros: "Gefahren im Heutigen Katholizismus" (1950); "Die Chancen des Christentums heute" (1952 - tradução francesa, ed. Cerf. 1953); "L'Eglise a-t-elle encore sa chance?" e os grandes artigos sobre "A opinião pública na Igreja" (Orientierung 1930), "L'apostolat des laïcs" (Nouvelle Revue théologique, ... 1956), "Les Charismes dans l'Eglise" (Stimmen der Zeit, juin 1937).

Prefácio do livro *Écrits Théologiques*,
Tome I, Karl Rahner, Desclée de Brouwer

0. Hoje, temos a dolorosa impressão de que, no momento em que procuramos dedicar-nos inteiramente a um trabalho de evangelização, ficamos, no entanto, na superfície do mundo moderno e não chegamos a penetrar na sua verdadeira essência.

Cap. I - O CRISTÃO NO MUNDO MODERNO

Conferência pronunciada pelo autor a 1^a de outubro de 1954, em Colônia, em uma reunião de católicos. Para Karl Rahner, a "Diáspora" (*) Alemã é uma manifestação de um fenômeno universal que deve ser analisado profundamente. Esta perspectiva colocou os autores franceses em uma situação de simpatia muito grande para com o autor. Após 20 anos a pastoral e o apostolado, na França, passaram a ter uma orientação missionária que ficou consagrada por ocasião da Assembléia plenária do Episcopado Francês, na sua declaração solene de 1960: "Tôda a Igreja da França deve ser missionária".

1. Se o mundo de hoje interessa ao Cristão, em sua especificidade, em sua unicidade histórica, então onde o teólogo há de buscar na Revelação o que quer que seja sobre este assunto, sobre aquilo que há de moderno no mundo? (pág.8)

Considerações prévias sobre as relações entre o Cristianismo e o temporal.

2. Não se pode nunca tirar dos princípios cristãos, em matéria de fé e de moral, um único tipo de mundo sem que possa haver outros mundos possíveis em relação a essas leis ideais (pág. 10).
3. Os princípios cristãos, verdadeiro esboço do real, cuja execução é proposta à liberdade humana, podem ser soberanamente importantes e benéficas para o agir humano, embora, muitas vezes, em seu próprio detrimento, o homem os transgrida; mas, fundamentalmente, nunca se pode servir destes princípios para dizer que o mundo deve ser exatamente "assim", se se entende por esta palavra "assim" uma determinação última, única, singular.

(*) Diáspora: palavra grega. Integrada no vocabulário judeu-cristão. De signava a "dispersão" dos judeus, depois veio designar a dispersão dos cristãos, no meio do mundo pagão. (Ver a 1^a Epístola de São Pedro). O termo "diáspora" é muito usado, atualmente, na Alemanha, para caracterizar as regiões onde os católicos são a grande minoria em relação aos protestantes.

Realmente, pode haver, em uma determinada situação diversas possibilidades de agir, e isto não é, fundamentalmente, de fato, mas de direito. A escolha entre estas possibilidades - uma escolha necessária e que se apresenta sempre para o homem uma decisão histórica - não pode ser feita apenas sob o único signo do Cristianismo, sem outra consideração (pág. 11).

... a liberdade do homem torna-o capaz de muitas coisas que, até então, escapavam à sua decisão..., é, assim, que a liberdade se reveste de uma súbita atualidade para o cristão, em sua existência histórica, e isto de uma maneira absolutamente inédita, segundo o velho adágio: " Quem tem a escolha tem a cruz". Numa tal conjuntura, o cristão começa a perceber claramente que o seu princípio diretor no seu agir na História não pode ser tirado exclusivamente de seus princípios cristãos. Estes o deixam desarmado (nas situações concretas) (pág. 13).

Distinguir as tarefas próprias do homem e do cristão.

Enquanto cristãos, não temos um programa único, na medida em que esta palavra tem um conteúdo concreto. Pode acontecer que, em uma dada situação, de caráter momentâneo, os cristãos tenham de se unir, porque esta situação comporta uma ameaça geral que resulta em uma atitude de hostilidade radical relativa ao que é cristão e humano. Pode acontecer que, em uma dada situação, de caráter momentâneo, os cristãos, enquanto homens e enquanto homens criadores da História, tenham de tomar uma posição concreta, se decidam por um determinado programa, (*) sem que sejam obrigados, todavia, a fazê-lo em nome do Cristianismo (pág. 15).

O que age diretamente sobre a História não são as normas eternas (que se exercem na História como uma graça ou como uma justiça imanente vingadora), mas um planejamento concreto, preciso, plástico, tão concreto quanto a própria ação que o realiza (pág. 16).

É justamente esta a razão mais profunda do retraimento da Igreja em relação à política. Não é nem oportunismo, nem omissão na proclamação, é na defesa dos princípios cristãos. Tem sua fonte na percepção desta verdade, pois se a política, fundamentalmente, tem um programa concreto, então não se pode falar de "a" política cristã como se houvesse apenas uma em matéria de economia, de vida do Estado, de cultura... Precisamos confessar nossa pobreza se quisermos ser leais e a lealdade é sempre paga a longo prazo, mesmo neste caso.

Se não temos a lealdade de aceitar esta situação de um cristianismo tornado mais pobre, pelo fato da distância mais sensível que aparece entre o cristianismo como tal e uma de suas concretizações determinadas, então este se encontra, aos olhos dos homens, descarregado da responsabilidade diante das situações históricas, responsabilidade que se carrega ainda hoje inconscientemente. Mas se não temos esta lealdade,

(*) a palavra "programa" aqui é empregada no sentido de projeto.

se fazemos publicidade de uma síntese elaborada por nós à base de princípios cristãos e de uma escolha histórica, apresentando-a como exigência incondicional de cristianismo ao ponto que este se manterá e cairá com ela, então os homens tomam a sério esta falsa pretensão, e não podem mais impedi-los de combater igualmente o cristianismo, se eles chegam a tomar e a realizar vitoriosamente uma decisão histórica diferente da nossa, que por nossa conta escolhemos como sendo a pura realização e a concretização dos princípios cristãos (págs.16-17).

1. A situação do cristão pode ser caracterizada, na hora atual, - e que se entende hoje, é também válido para amanhã - como uma situação de Diáspora; está colocada sob o signo de uma "necessidade inerente à História da Salvação"; é legítimo - e mesmo para nós um dever - tirar disto consequências para nossa atitude cristã (pág. 21).

O conceito de "necessidade inerente à História da Salvação".

9. Existem coisas que se impõem à consciência, a priori e de modo incondicional. Encontram sua expressão nos 10 mandamentos, por exemplo. (Por outro lado, há coisas que "existem", sem serem matéria obrigatória (pág. 22).
10. Entre estas duas categorias - o que é obrigatório e o que só tem uma existência de fato, em ser um objeto de dever - existe uma terceira categoria, uma categoria intermediária de coisas, de acontecimentos e de situações (pág. 22).
11. Que me seja permitido chamar estas coisas de situações, acontecimentos (*) ... uma "necessidade inerente à História da Salvação", apoiando-me sobre a linguagem da Escritura... Quando, por exemplo, Nosso Senhor diz: "Haverá sempre pobres entre vós" (Mt. XXVI-2), não faz outra coisa senão estabelecer a existência permanente de um fato doloroso. Ele não contesta a necessidade em si e a necessidade permanente de fazer tudo para suprimir a pobreza; Não contesta que isto não deveria existir. Contesta apenas nos ainda que o estilo desta pobreza possa variar consideravelmente com as condições da vida social. Mas a existência desta pobreza não é, por este fato, colocada na categoria destes fatos brutais com os quais nos contentamos em uma simples constatação, seguida de uma reprovação. Não haveria pobres em um mundo sem pecado. Isto não quer dizer que o fato pobreza deva ser considerado como uma "necessidade", a qual se pode e até se deve levar em conta (pág. 23).
12. As coisas deste gênero, revestidas de um caráter de "necessidade" inerente à História da Salvação, a Escritura as qualifica de modo seguinte: "elas são queridas por Deus", era preciso que elas acontecessem, "têm um valor salvífico", constituem para o homem algo que ele deve levar em conta, na sua maneira de agir, sem que elas tenham, por isto, um direito à existência (pág. 24).

(*) os grifos são nossos.

13. A situação de Diáspora constitui, hoje, para nós, uma necessidade deste gênero. Dito de outra forma, longe de nos contentarmos em constatar este fato e lamentá-lo, podemos reconhecer uma necessidade que não é obrigatória (pág. 25).

A Igreja em situação universal de Diáspora.

14. Em toda parte do mundo, o Cristianismo está em uma situação de Diáspora, segundo graus variáveis, (pág. 26).
15. É evidente que a vontade de ver desaparecer o estado de Diáspora continua sendo para o Cristianismo uma exigência imperiosa que se dirige a todo o cristão; uma vontade que deve suscitar as realizações do apostolado, bem como as obras e os sofrimentos daquele que dá testemunho (pág. 27).
16. Esta situação constante de contradição é, para a Igreja e para o Cristianismo, uma necessidade que terão de sofrer e não podemos encará-la levianamente (pág. 28).
17. ...a contradição que se apresenta para a Igreja não pode mais, aos olhos do teólogo da História, vir de "fora"; deve aparecer como uma falha e como uma dissidência em pleno coração da cristandade (*) considerada como tal (pág. 30).
18. Aquilo que atesta muito mais que o poder da Igreja não é deste mundo, é o duplo fato, de uma parte, quando desaparece esta situação histórica e transitória, ligada a fatores da essência temporal, fica provado, que existe sob o terreno dos fatos, aconteça o que acontecer, com todos os lucros e perdas, uma força de resistência e persistência, sem comparação com a de outras religiões. Por outro lado, a situação que a Igreja tinha no mundo medieval teve um sentido providencial, o de permitir ao Cristianismo que saísse do quadro geográfico desta cultura e seguisse com tal força que se pudesse tornar doravante, concretamente, uma religião universal (pág. 33) (**).
19. Que a Igreja esteja em via de se tornar, em toda a parte, uma Igreja de Diáspora, uma Igreja que vive numa multidão de não-cristãos; uma Igreja, por conseguinte, que se inscreva em um contexto cultural, cívico, político, científico, econômico, artístico... que não é obra somente dos cristãos, eis aqui uma necessidade inerente à História da Salvação que permite tirar, com serenidade, consequências que têm valor de regras práticas para nossa própria pastoral (pág. 33).

(*) Entenda-se por cristandade a identificação da Igreja com um projeto histórico.

(**) O Cristianismo não depende de uma civilização ou época histórica; transcendendo-as, torna-se uma religião universal capaz de inspirar diversas civilizações.

Algumas características desta situação.

20. a. A fé está, sem cessar, ameaçada no exterior (pág. 34).
21. b. Os valores culturais, referentes à educação, à arte, à ciência, segundo as quais o cristão deve viver sob pena de se tornar sectário desprezível em relação a tudo que se refere à vida do espírito neste mundo, não são mais especificamente cristãos, nem marcados com uma etiqueta especificamente cristã (pág. 35).
22. c. A Igreja de Diáspora... seria uma Igreja de membros ativos, uma Igreja de leigos, tendo o sentimento de ser verdadeiramente elementos responsáveis e não simples objetos da ação pastoral clerical (pág. 36).
23. ... os leigos não são pessoas que recebem ocasionalmente ordens e que devem sentir-se honrados de poder fazer qualquer coisa para a Igreja hierárquica e para o clero (pág. 36).
24. ... é a Igreja de uma época na qual se verão outras instituições estatais e culturais, no domínio da escola, da pesquisa, da obra civilizadora...exercer certas funções e desenvolver os órgãos "ad hoc" (funções e órgãos que eram outrora da Igreja). A Igreja de Diáspora não está mais capacitada a exercer tais funções. Estas são concernentes a todo o mundo e, por isto, e também por outras razões, torna-se absolutamente impossível que sejam assumidas somente por um grupo de cidadãos (*) (pág. 37).
25. A Igreja de Diáspora oferecerá, nas suas aparências imediatas, uma visão mais religiosa que outrora (pág. 37).
26. d. ...o clero não terá mais lugar, como se fôsse coisa natural, entre as camadas sociais elevadas e privilegiadas (pág. 37).
27. e. A Igreja e o Estado não serão concorrentes, sempre em luta um contra o outro, ou regulando suas relações de modo concordatário (pág. 38).

Conseqüências pastorais.

8. O cristão não pode considerar sua Igreja como auto-suficiente no domínio da vida temporal, cultural e social; sua Igreja não é uma teocracia deste mundo. Ela não pode, além disto, não considerar os não-cristãos como os não-chamados, nem se servir de meios intempestivos ou injustos para suprimir a situação exigida pela História da Salvação, segundo a qual há atualmente não-cristãos que devem viver entre cristãos, ou, para dizer nelhor, cristãos que devem viver no meio de não-cristãos. Sua vida deve ser francamente orientada para os não-cristãos (pág. 43).

(*) um grupo de cidadãos, neste caso, deve ser entendido como um grupo de cristãos.

29. A situação de Diáspora é uma necessidade inerente à História da Salvação, uma necessidade da qual é permitido tirar partido de múltiplos pontos de vista e isto até para o nosso comportamento prático (pág. 45).
30. Quando um homem encontra em nós um ser humano, um verdadeiro cristão, um coração; quando sente que participamos, de modo autêntico, da mensagem de misericórdia divina e a transmitimos, o que se produz, então, é mais importante que a impressão causada pelo barulho de toda a mecânica de uma empresa burocrática (pág. 48).
31. Uma conversão autêntica de uma grande cidade é algo mais magnífico que a frequência maciça, aos Sacramentos, de uma pequena cidade isolada (pág. 48).
32. Quando procuramos converter os homens ao Cristo, fazemo-lo no estilo cultural de vida que nós recebemos dos nossos ancestrais, que pode ser o nosso, mas não o deles. Pensemos no quadro que oferece a organização exterior de muitos conventos, o nível de muitas produções religiosas, ditas populares, o tom pleno de união de nossa eloquência eclesiástica, a estreiteza de nosso horizonte "pequeno burguês", a nossa repulsa a mil e uma coisas da vida cotidiana (pág. 49).

O apóstolo, homem da esperança.

3. Por que não nos seria permitido retomar, hoje em dia, humildemente e com sangue-frio, embora com uma ligeira variante, a palavra de Santo Agostinho: "Muitos daqueles que Deus tem, a Igreja não os tem, e muitos daqueles que a Igreja tem, Deus não os tem"? (pág. 51).
4. ...longe de ser uma verdade, não é uma heresia crer que fora das fronteiras da Igreja não há graça? (pág. 51-52).
5. Uma conversão obtida por um esforço missionário em um meio que retornou ao paganismo, tem, do ponto de vista missionário, mais valor que a perseverança de três cristãos que pertencem a velhas camadas do Cristianismo tradicional, mas que se perderam em seguida, eles ou seus filhos, por que tais pessoas, por não terem atravessado ainda a crise aguda de nossa época e por não estarem imunizados contra o espírito do tempo, acabam por não "aguentar o golpe" (pág. 53).
6. Um apostolado de conquista, que não se esgota em um esforço desesperado para salvar aquilo que não deve ser salvo, como se a Igreja devesse coincidir com a totalidade dos homens que habitam sobre um dado território, não deve ter medo de trabalhar durante um tempo bastante longo, sem resultado (pág. 53).

* * *

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Até que ponto esta "situação de Diáspora" é válida para o Brasil?
2. Que conclusões podemos tirar para uma ação concreta, qualquer que ela seja, como, por exemplo: para setores da A.C.E., para o MEB etc.?

Conferência pronunciada, em Paderborn, a 14 de março de 1959, em um Encontro Diocesano de Ação Católica, e publicada na revista de caráter ecumênico, "Católica" (1959), págs. 100-127. O título alemão poderia ser traduzido, literalmente, por "A realidade redentora na realidade criadora". O autor, nesta conferência, nos mostra como a Graça penetra profundamente as estruturas da História do Mundo e que tanto o pastor como o militante leigo devem acreditar no valor da ação no temporal.

A questão fundamental deste capítulo é como conceber, corretamente, a unidade entre Redenção e Criação e quais as consequências práticas que dela decorrem na existência, que nela encontram sua consistência.

1. A graça divina fruto da Redenção, penetra o mundo da Criação para curá-lo e santificá-lo; ela incorpora o mundo considerado na sua natureza (mas sem abolí-la) no Mistério do Cristo, este processo de assunção do mundo na vida de Deus; pela obra da graça, é, sem dúvida, efeito da vontade divina, mas deve ser igualmente assumido pela atividade humana e pela chamada ação apostólica do leigo (pág. 63).

Definições e distinções:

2. A graça é uma grandeza realmente distinta da natureza; é um dom gratuito de Deus para assegurar, primeiramente ao homem, depois ao mundo por intermédio do homem, a participação na natureza e na vida divinas (pág. 65).
3. "A ordem da Redenção e da Graça" contém explicitamente e necessariamente tudo que pertence à existência concreta e ao exercício real da "graça" enquanto tomada na obra da Redenção, segue-se que aquilo que se chama "ordem da Redenção" abraça a ordem da criação como um de seus elementos intrínsecos (pág. 66).
4. Quando falamos de Igreja, segundo a terminologia atual, entendemos a comunidade dos fiéis organizada por Cristo de modo social e jurídico, sob a direção do Papa e dos Bispos em comunhão com ele, estando esta comunidade unida na profissão exterior da fé, no culto, em todo o domínio da vida dos fiéis que cai sob o controle da Hierarquia (*).
5. ... (os cristãos) não podem receber imediatamente, da Igreja Hierárquica, ordens e determinações que afetem a sua ação, naquilo que ela tem de mais concreto (pág. 69).

(*) Parece-nos que este conceito de Igreja destoa do conjunto da obra de Karl Rahner. Seria interessante comparar com o conceito de Igreja de Congar e De Lubac.

6. O poder indireto "ratione peccati" não implica, precisamente, em que a Igreja seja sempre e necessariamente capaz de formular de modo concreto, partindo dos princípios morais de ordem geral dos quais é depositária, ordens precisas de ação, nas situações particulares em que seus membros se encontram engajados (pág. 69).
7. Há, igualmente, muitos atos de cristãos membros da Igreja que não são atos da Igreja à qual eles pertencem (pág. 69).

Unidade e caráter hierárquico da obra de Deus.

8. ...o mundo da Criação, mesmo considerado em suas energias naturais, pertence ao mundo da Redenção e entra na esfera do dom que Deus faz de si mesmo; representa nisto o papel de um condicionamento distinto que a Redenção elabora para si, a fim de poder ela própria existir (pág. 76).

A abertura do mundo à Graça.

9. É preciso dizer que, na economia divina, como ela se realiza, toda a realidade natural é ordenada à graça de modo tão íntimo que não pode guardar a sua própria integridade, nem conseguir seu acabamento, senão sob a condição de inserir-se no mundo da graça e da Redenção.

O que chamamos "autonomia relativa" (*) dos domínios próprios da natureza e da cultura, não significa de acordo com a doutrina católica, que as coisas poderiam, nestes domínios, atingir plenamente seus objetivos finais fora da graça de Jesus Cristo (págs. 77-78).

10. Na verdade, é toda uma questão de se saber, em que medida e de que modo esta finalização sobrenatural do natural recai sobre a consciência do homem que é sujeito e autor (pág. 79).
11. Deveríamos ver, através dos mínimos acontecimentos e das realizações da existência humana concreta, que existe, de fato, no natural, sempre mais que a simples natureza (pág. 79).
12. Todas as realidades humanas têm, assim mesmo, se consideradas sob seu aspecto natural, uma "alma cristã" de fato, anônima, simplesmente em potencial, quem sabe, mas real e podemos verdadeiramente aplicar a todas as realidades terrestres a palavra de São Paulo ao atenienses: "Isto que vós adorais (poderíamos dizer: isto que vós fazeis) sem o conhecer, eu quero, eu mesmo, vos anunciar. (Atos XVII, 23)... Deus não criou duas realidades que deveriam, de certa maneira, ser posteriormente harmonizadas em conjunto (pág. 80).

(*) Os valores humanos têm sua consistência própria, mas mesmo na ordem humana, eles necessitam da graça de Cristo. Por outro lado, não se pode esquecer que, onde há um valor humano autêntico há a graça de Cristo e é um apelo à revelação total, ao Mistério da Salvação.

13. A realidade da Redenção deve se difundir através da realidade criadora como um princípio superior de coesão, salvífica, elevando e divinizando (pág. 81).

Dimensão histórica da unidade:

14. ...a unidade do mundo, feita da Natureza e da Graça, sem cessar, nem podendo deixar de existir, tem também sua história. Ela é uma unidade a realizar e sua realização é confiada ao homem como uma tarefa que lhe cabe. O teólogo dirá desta unidade que se deve realizar através da história que ela é uma unidade desde já adquirida do ponto de vista escatológico, sendo, ao mesmo tempo, objeto de realização humana; portanto, ela é inacabada, sempre ameaçada e ainda envolvida na penumbra (pág.82).

Unidade escatológica.

15. A História da Salvação e da condenação é assim a história desta unidade a realizar, ameaçada constantemente, Esta história entrou para sempre, pela Encarnação do Verbo de Deus, que é um fato consumado e não somente um objeto do Conselho divino, no estado definitivo e escatológico: Deus, com efeito, introduz definitivamente na sua própria vida o mundo tomado na sua totalidade (porque nada poder romper sua unidade ontológica) a partir de um de seus elementos, do qual se apropriou pessoalmente e que chamamos a Humanidade de Cristo (pág. 83).
16. A Encarnação e a Cruz significam a decisão de Deus, global e irrevogável, mas sem prejuízo para a liberdade humana, em favor do mundo salvo, transfigurado e santificado pela força da graça vitoriosa. O drama da salvação não está em suspenso, a História do mundo recebeu radicalmente sua volta decisiva (pág. 84).
17. A concepção que se tem do mundo, após a vinda do Cristo, deve ser mais otimista (pág. 84).
18. Se é verdade que, pela Encarnação, Deus já assumiu o mundo de modo definitivo e, em consequência, não se pode, absolutamente, dizer que a bemaventurança eterna seja apenas uma simples promessa (ela é, ao contrário, algo já inscrito na realidade); se é verdade que o Senhor voltará, porque ele já veio...então, precisamente por isto, a atitude e a ação do Cristão não podem consistir simplesmente na esperada salvação como se, sob o pretexto de que esta é um dom de Deus, se contentasse em assistir passivamente: à demonstração de sua incapacidade, que lhe é dada pelo mundo; à procura de perfeição, com suas próprias energias e à autodestruição do mundo da natureza (págs. 85-86).

Unidade inacabada.

19. Ela está inacabada em nós (V Romanos, VIII, 21). Está inacabada no mundo (pág. 86).

20. Este inacabamento não terá fim senão com a vinda de Deus, no dia da volta do Cristo e não é o mundo que pode forçar um tal acontecimento... (pág. 86).
21. Essencialmente ligado ao mundo o homem não pode realizar suas atitudes espirituais fundamentais senão por uma ação de seu ser físico sobre o mundo. Nesta perspectiva (ou por esta razão), sua fé na Encarnação, neste acontecimento já realizado mas ainda oculto, que é a Salvação definitiva do mundo pela Encarnação e Ressurreição do Cristo, não se pode exprimir verdadeiramente senão por uma ação do homem no mundo e sobre o mundo, e não por uma contemplação puramente idealista da natureza humana ou da vida interior do homem (pág.86).

Unidade em perigo.

22. ...a instauração da unidade entre a ordem da Criação e a da Redenção é confiada ao homem, como seu próprio trabalho, trabalho êste que nunca conseguirá acabar e que, por outro lado, o expõe ao perigo de se iludir sobre êle: ou se entregando a um pessimismo que o leva a evadir-se do mundo ou entregando-se a um otimismo inspirado pelo "espírito do mundo". A realização dêste trabalho, e, por conseguinte, a unidade destas duas ordens, é sem cessar ameaçada enquanto obra humana.

Unidade envolvida em penumbra.

23. ...a ordem da Redenção, tomada no seu conjunto, e, ela mesma, objeto de fé... foge à experiência, permanece oculta (pág. 90).
24. Enfim esta unidade deve sempre, no seu percurso, encontrar o escândalo da Cruz, ser sempre colocada como um fracasso diante do fato de que todos os esforços heróicos, para tornar o mundo melhor, não são suficientes para salvá-lo (pág. 90).
25. ...a própria ordem da Redenção é velada na obscuridade da fé; seu poder sobre o mundo pode ser falsamente interpretado como uma força intrínseca ao próprio mundo, e, supondo mesmo que seja reconhecida como força divina, ela dá a impressão de nunca realizar nada de definitivo na terra, mas de dobrar-se como o resto das coisas perante a lei mais forte do mundo, a da degradação e da morte (pág. 91).

A maneira cristã de caminhar para esta unidade.

26. O cristão não pode endeusar (absolutizar) o mundo (pág. 91).
27. O cristão não renuncia, entretanto, ao mundo. Trabalha, recomeça sem cessar, não o abandona (pág. 92).

A vida cristã, lugar desta unidade; considerações pessoais.

...que fisionomia deve assumir a vida cristã, se fôr verdade que ela de vez refletir no seu contexto esta unidade de que temos falado entre o mundo da Criação e o da Redenção; verdadeira unidade mas sem confusão real, já revelado no plano escatológico, embora constitua ainda um trabalho em estado de acabamento (pág. 93).

Vida religiosa e vida no mundo.

A relação do cristão leigo para com Deus não pode ser definida de modo adequado pela tarefa que lhe cabe de conduzir o mundo a seu acabamento. Não é pelo fato de o homem assumir responsabilidades, no mundo em vida, que êle é cristão, o que não impedê que uma ação dêste gênero, na medida em que tem um caráter autêntico, verdadeiramente humano, traga em si uma parcela - ao menos anônima - de realidade cristã. Pela oração, a renúncia, a vida da Igreja no sentido estrito, a fé, a esperança, a paciência e a humildade com as quais êle acolhe o desmoronamento das promessas do mundo, o leigo cristão tem êle próprio a realizar a ordem da Redenção, que sobrepuja a ordem da Criação integralmente (pág. 95).

...dado o caráter limitado da vida humana, o ato de fé ardente nesta unidade assume duas possibilidades iguais de realização, seja uma renúncia parcial ao mundo, seja uma aceitação dêste mundo mortal (pág. 96).

Igreja e vida cristã.

Mas ela (a Igreja) não pode comprometer sua autoridade, para indicar com precisão até o fim e de modo imperativo se tal ou qual condição é "hic et nunc", a mais apropriada e a mais eficaz, para atingir o objetivo político e social que se impõe (págs. 97-98).

...a escolha apresentada ao homem entre diversas soluções, no quadro dos princípios gerais, postos de lado pela Igreja, seja uma coisa moralmente indiferente sob pretexto de que o Magistério e a autoridade pastoral da Igreja não podem mais dizer, de modo preciso, ao indivíduo, a respeito de decisões a tomar, qual é a única boa do ponto de vista objetivo e, muitas vezes, até do ponto de vista moral (pág. 98).

...para os membros da Igreja católica, vida cristã e vida da Igreja não são simplesmente idênticas. A vida da Igreja não é senão uma parte da vida cristã (pág. 98).

O apostolado específico do cristão leigo é precisamente aquêle pelo qual êle exerce uma responsabilidade cristã, onde essa não puder, por natureza, ser assumida pela Igreja, como instituição hierárquica (pág. 99).

Santificação do mundo.

É neste mundo exterior e material em que se enquadra a vida temporal, profana e terrestre, que deve, também, desenvolver-se a realidade cristã, naquilo que ela tem de específico (pág.100).

...o cristianismo e sua graça não deixam, portanto, de estar presentes quando cessa a expressão exterior da realidade cristã e da Igreja (pág. 101).

Há qualquer coisa que Deus exige dos cristãos, enquanto cristãos e não somente enquanto homens, eis aí o aspecto essencial da cura e da santificação do mundo enquanto mundo (pág. 103).

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. À luz dêsse capítulo, como situar o papel do leigo na obra da construção do mundo?
2. Como definir o que seja clericalismo e laicismo?

* * *

Publicado em Graz, em 1960. O autor já tinha dedicado a este assunto o primeiro capítulo de um livro, traduzido para o francês sob o título: "Dangers dans le catholicisme d'aujourd'hui", Perigos do Catolicismo de Hoje.

Pe. Rahner, neste capítulo, mostra que tanto o pastor como o militante leigo devem ser sensíveis às coisas do mundo, sem jamais perder de vista os caminhos originais de cada alma.

Reflexões ontológicas sobre a relação indivíduo-comunidade.

Numa primeira aproximação, o conceito de indivíduo é apenas uma espécie de conceito limite no grau mais baixo de inteligibilidade. A mais ínfima partícula do mundo físico possui, em si mesma, algo que, pelo seu próprio conteúdo real, a distingue de qualquer outro e por isso não pode absolutamente existir uma multidão homogênea (graças a Deus), de tal modo que não existe nenhum ser capaz de ser pura e simplesmente substituído por outro (pág. 116).

Quando se trata do homem, consideramos indivíduo aquilo onde a pessoa, o espírito, o domínio de si na consciência do eu e a livre determinação põem sua marca inclusive sobre a individualidade tomada como tal (pág. 116).

...a distinção e a ligação de um indivíduo com "o outro", cresce e diminui na mesma medida, embora pareça haver nisto uma contradição. À primeira vista, poder-se-ia ter como evidente que aquilo que é próprio de um ser real (aquilo pelo qual ele se distingue do outro) e aquilo que o une a outro são inversamente proporcionais, em outros termos, perde em originalidade o que ganha em ligação com o outro. O crescimento de seu caráter próprio e distinto, significa, necessariamente, uma diminuição de sua unidade e de sua ligação com aquilo que não é ele. Não é exagero dizer que tal equívoco que tem para ele as aparências de evidência, a saber, e contradição que cremos haver entre a coesão universal e a singularidade própria de cada um, é subjacente a todas as doutrinas errôneas e a todas as heresias concernentes à relação mútua dos seres, à sua dimensão social (pág. 117).

...quanto mais houver particularidades de plenitudes do ser em si, na realidade haverá tanto mais proximidade, ligação e participação mútua entre os seres (pág. 118).

...o espírito e a pessoa têm, como dizem os filósofos, uma transcendência aberta ao infinito, pelo fato de que o sujeito dotado de conhecimento espiritual abre-se ao ilimitado e ao infinito, toma consciência das noções de indivíduo e da distinção do finito e do definido (pág. 119)

É a estrutura transcendental de nossa inteligência que permite apreender a distinção dos seres. É apreendendo o infinito que o sujeito conhece, voltando-se sobre si mesmo, reencontra sua própria individualidade. Isto é válido tanto para o espírito, enquanto conhecimento, como enquanto amor. A propensão do espírito a amar, a desejar, a se dar (que se chama vontade, amor, aspiração, alegria ou qualquer outro nome) sempre se produz sob a forma de uma abertura cuja envergadura ultrapassa todos os limites possíveis de uma abertura sobre o infinito, sobre Deus, o qual não tem nada a seu lado porque é ele mesmo todas as coisas na plenitude acabada de sua realidade (pág. 119).

O verdadeiro problema.

A forma social exigida pela conservação das espécies biológicas não se opõe à singularidade tal qual se encontra neste domínio. O elemento de um grupo não tem consciência de seu caráter individual senão pelo fato de ser membro do todo. A individualidade da pessoa espiritual, de seu lado, não se opõe à comunidade do amor existente entre as pessoas: estas duas realidades têm essencialmente necessidade uma da outra. Mas aí nos encontramos diante de uma verdadeira oposição (não dizemos ainda: uma contradição), isto é, no momento em que se confronta a individualidade que afeta a personalidade espiritual com a coletividade no plano do social-biológico, do físico-material, do organizado etc. Alguém, por exemplo, pode muito bem adotar uma atitude liberal ou anárquica, e rejeitar como uma ameaça à sua liberdade de pessoa espiritual, a realidade do conjunto social em que está inserido; como pode, ao inverso, tentar eliminar a individualidade que vincula a pessoa espiritual em proveito de uma coletividade de essência ontológica inferior. Isto quer dizer que a tensão individualidade comunidade só é problema em função da plenitude dos níveis ontológicos do ser humano; não surge a não ser naquele aspecto (nos domínios econômico, político, religioso) e na medida em que o ser singular e a coletividade, que se trata de conciliar são tomados em diferentes níveis (ontológicos, orgânico e espiritual...).

Sendo o homem em si mesmo uma realidade plural, tem que reconciliar estas duas categorias (individualidade e comunidade) tais quais se encontram realizadas nos diversos níveis de sua própria essência. Isto é um verdadeiro trabalho e uma tarefa difícil (págs. 122-123).

O indivíduo na economia da graça e da Igreja.

Quando Deus ama, seu amor é verdadeiramente criador; é um amor que põe realmente em cada um as notas singulares que fazem dele um ser amado de modo único (pág. 128).

(A Igreja é) a comunidade sobrenatural. As pessoas singulares e in-
substituíveis, a graça que os habita interiormente, a verdade e o amor
do Cristo, a participação, a oferta para o próprio Deus de sua vida ín-
tima e trinitária, eis o que há de mais interior e de mais elevado nes-
ta realidade nas diversas maneiras pela qual se apresenta a Igreja; eis
o que justifica a existência de tôdas as realidades das quais falamos,
mas que não exercem senão o papel de servo (pág. 135).

Conseqüências para a pastoral.

Uma pastoral que não conhece senão uma receita, que quer abrir tôdas
as portas com uma única chave, que acredita possuir o ponto de Arquime-
de; a partir do qual ela poderia, sem nada mais, pôr o mundo em movi-
mento, uma tal pastoral se choca com a simples reflexão ontológica (pág. 141).

O sacerdote, homem espiritual.

Haverá muitos padres dos quais emana uma fôrça despertadora do espíri-
to religioso? (pág. 151).

Quantos padres são capazes de dar exemplo da oração espontânea, de fa-
lar das coisas espirituais? Quantos são capazes de falar com naturali-
dade fora das cerimônias oficiais, com uma linguagem marcada por sua
personalidade profunda? Não se pode ter ali a impressão de que muitos
se dão ao trabalho funcional, à organização, aos equipamentos, porque
não se creem capazes de experiências e de êxitos nos domínios mais ele-
vados e importantes da verdadeira pastoral? (pág. 151).

Por que então não ter a coragem de se ocupar do próprio indivíduo na
pastoral? (pág. 154).

A inserção do cristianismo na vida concreta de cada um.

É preciso reconhecer e viver a vida cristã como verdadeira vida, e não
como simples cumprimento de preceitos, como simples observação de manda-
mentos (pág. 154).

Os acontecimentos da vida humana referem-se ao cristianismo já pelo
simples fato de que não se pode, durante certo tempo, ser autênticamen-
te humano, a não ser pela graça de Cristo (pág. 159).

...a vida humana apresenta, por si mesma, um caráter de cristianismo
que se ignora (pág. 161).

O leigo cristão, educador da fé.

Isto nos faz entrever igualmente uma forma superior de apostolado para
o leigo cristão. Apreender explicitamente a "alma cristã" que já viveu
os acontecimentos, que integram a vida do indivíduo, eis aí uma pos-
sibilidade e uma obrigação geral de se dar uma ajuda mútua, eis uma
tarefa que não está, em si, ligada a uma função clerical (pág. 162).

Será que se está deixando criar (não somente na teoria, mas na prática) esta opinião pública na Igreja que Pio XII declarava absolutamente necessária à vida desta? Não poderia a Igreja dar provas de tolerância e de paciência deixando que pessoas falassem, mesmo criando dissonâncias na opinião geral? Ou sempre estamos tolhidos pelo medo da menor divergência de opinião, o que constitui, por isso mesmo, na Igreja, uma fraqueza e uma falta de unidade lastimável? (pág. 168).

PONTOS PARA REFLEXÃO:

1. Você acha que o Brasil está passando por um "fenômeno de massa" ? em caso positivo, aponte algumas causas e algumas consequências.
2. Se acha importante a fomentação e a criação de comunidades autênticas, comunidades onde se valorize a pessoa, criando possibilidades de desenvolver realmente o homem, quais seriam as atitudes do MEB para incrementá-las?

* * *

Capítulo IV - A IGREJA NO ADVENTO DE UM NOVO MUNDO (*)

Esta conferência foi feita em 25 de abril de 1955 em Munich, numa reunião da Associação para Proteção a Jovens, no 60º aniversário de sua fundação.

Vivemos em uma conjuntura nova em comparação à qual, em verdade, a história do cristianismo constitui, apesar de todas as suas vicissitudes e de todas as suas mudanças, um período único. A passagem de um período para outro período dura muito tempo, mais tempo que uma vida humana. Somos necessariamente de ontem, de hoje e de amanhã ao mesmo tempo e aquele que quisesse, em nome de uma impaciência revolucionária, esquivar-se desta necessidade, inscrita na História, de ser obrigado a viver em um período de transição, estaria faltando a sua vocação histórica; longe de preparar os dias felizes de amanhã, este prepararia o leito da destruição; longe de abandonar a riqueza do futuro, perderia a herança recebida de seus pais, que em toda hipótese, ele deve levar consigo no futuro como um bem inamissível (págs. 181-182).

...o homem é um ser dotado de liberdade, dispendo dela mesma e em conquista permanente, é o único ser que entre todos os outros, não somente constrói coisas, mas constrói a si mesmo (pág. 183).

O homem aberto para Deus vivo e verdadeiro é cristão, sabendo ou não. Deus, com efeito, faz um apelo ao homem em Jesus Cristo; convidou-o a entrar na sua própria vida, conferiu por sua Graça a participar na sua própria natureza, na sua própria glória e na sua própria vida (pág.190).

(*) Ver, do mesmo autor, o artigo: "Por uma nova humanidade". Masses Ouvrières, nº 188, set. 1962, págs. 17-41.

Alocução pronunciada no dia 21 de julho de 1958, em Francfort, sur-le-Main, para os membros da Sociedade de São Paulo.

Todo cristão é apóstolo em virtude mesmo de ser cristão, em todo tempo e em todo lugar. Ser cristão é ser apóstolo, o que é necessariamente a mesma coisa (pág. 209).

Todo cristão pode e deve ser apóstolo, e isto a partir de qualquer situação em que ele se encontre. O essencial para o cristão é, sobretudo, tomar consciência do lugar que ocupa. O apostolado considerado desta maneira assume exatamente o quadro existencial da vida cotidiana de cada cristão (pág. 209).

O apostolado é, para muitos cristãos, qualquer coisa que surge das possibilidades próprias oferecidas pela situação pessoal, conjugal, familiar e social (pág. 210).

...não podemos dizer que nossa obrigação para com os nossos irmãos da humanidade limita-se a sermos amáveis e lutarmos pelo progresso social. Cada um de nós é responsável pelo seu irmão, em razão da possibilidade real em que ele se encontra, correndo o risco de perder-se e de nos tornarmos responsáveis (pág. 219).

Todo cristão é apóstolo pelo fato mesmo de ele ser cristão. Toda situação pode servir como ponto de partida ao desdobramento de seu apostolado: a profissão, o casamento, a família, a vida social.

Toda situação concreta, encarada segundo sua dimensão espiritual, representa, nas suas virtualidades profundas, uma porta aberta para o cristianismo e para a vida apostólica que ele implica.

Capítulo VI - MARIA E O APOSTOLADO

Esta conferência foi feita em 19 de abril de 1954, em Paderborn, numa reunião de padres diocesanos.

...a Igreja deve refletir sobre sua natureza e sobre suas funções nos tempos atuais (pág. 233).

O espírito do apostolado cristão autêntico, não é um espírito desenfreado, não é o espírito dos exaltados, é o espírito que tem a coragem de entrar em detalhe no carnal, no preciso, no concreto (pág. 249).

A coragem do concreto, quero dizer, a coragem de ordenar as coisas em detalhe, é uma propriedade essencial do verdadeiro espírito apostólico (pág. 249).

Todo esforço corajoso, por mínimo que seja, para se adaptar a uma nova situação; toda posição que se conseguem manter, todo homem conquistado para a fé cristã, apesar de mil dificuldades, todo conhecimento pastoral por mínimo que seja, ...tudo isto, visto do alto e apreciado na visão de conjunto em período de desenvolvimento, pode ser uma grande vitória (pág. 257).